



⓪ **CIDADÃO PHILANTROPO,**

OU

**JORNAL POLITICO, LITERARIO,  
E RECREATIVO.**

---

SETEMBRO DE 1836.

---

*Os Senhores que pertenderem subscrever para este Jornal podem dirigir-se aos Redactores do mesmo, pelo correio de Braga, em carta franca de porte; na certeza de que a todo o tempo, que mandem a sua assignatura, lhe serão remettidos os N.ºs por inteiro, a contar do mez d'Abril, primeiro do anno do Jornal. Tambem se subscreve, e vendem N.ºs avulsos na mesma Cidade de Braga, em casa de Luiz Tallone, com Loja de quinquilherias á fonte da Carcova, e na Cidade do Porto na Loja da Imprensa.*

<i>Preço da assignatura por anno.....</i>	<i>2</i>	<i>§ 400 rs.</i>
<i>    por semestre.....</i>	<i>1</i>	<i>§ 200 „</i>
<i>    por trimestre.....</i>		<i>600 „</i>
<i>Numeros avulsos.....</i>		<i>200 „</i>



\*\*\*\*\*

ESTADÍSTICA DE LA LECTURA

JORNAL POLITICO, LITERARIO,

E RECREATIVO

SEPTIEMBRE DE 1856

De haberse con sujeción a las estadísticas que se han publicado en este Journal, se observa que el número de lectores de este Journal, desde el año de 1855, ha aumentado considerablemente, y que el número de suscripciones ha crecido en proporción. Este hecho demuestra que el Journal goza de una gran popularidad, y que sus artículos son de gran interés para el público. En consecuencia, se ha acordado que el número de ejemplares que se imprimen sea mayor, para satisfacer la demanda de los lectores. Este aumento de ejemplares se hará a partir del próximo mes de octubre. Se espera que esta medida contribuya a que el Journal siga siendo una de las publicaciones más importantes de la época.

Por suscripción por año.....	2 500 rs.
Por suscripción por semestre.....	1 500 "
Por suscripción por trimestre.....	800 "
Por suscripción por mes.....	200 "



# O CIDADÃO PHILANTROPO,

OU

JORNAL POLITICO, LITERARIO, E RECREATIVO.

---

SETEMBRO DE 1836.

---

Puisse de nos malheurs le souvenir affreux  
Exciter la pitié de nos derniers neveux,  
Arracher a leurs yeux des larmes salutaires,  
Et qu'ils n'imitent point les crimes de leurs pères.  
Montj.

---

## ARTIGO PRIMEIRO.

### *Politica.*

Hum espaço de tempo consideravel medeia entre o momento da redacção, e o da publicação d'este Jornal: he por tanto de necessidade que o nosso discurso de politica vérese sobre factos já transactos, leis já promulgadas, occorrencias já succedidas; em fim he necessario que seja sempre hum retrospecto; e o successo politico-progressivo, que no momento em que escrevemos acaba de correr nova cortina, veio collocar-nos em um ponto d'onde nos fôra impossivel satisfazer áquelle fim. Tudo he novo, tudo estranho para nós, tudo se nos antolha, excepto esse mesmo successo, essa notabilidade da Historia Portugueza. Semelhantes aos Athenienses feridos de peste não vêmos se não o futuro adiante de nós: querer ajuizar d'elle pelo character de individuos, que se dispõem a regula-lo, seria arriscar demasiado o nosso voto, seria comprometter a nossa opinião: o homem individuo não he o mesmo que o homem membro, ou parte do governo; quanto mais



que, as columnas d'este Jornal não as dedicamos nós ás diatribes, nem tão pouco aos encomios de pessoa. Temos declamado em geral contra o espirito de montanha, contra o fanatismo dos extremos: esta será sempre a nossa lingoagem, e certos de que o he igualmente a da verdade, confiamos vê-la garantida, se não escutada, pelos novos Cidadãos do poder. He com tudo necessario esperar mais algum tempo que murchem os verdores d'esta segunda primavera liberal: o momento da reflexão não he aquelle em que todos julgão que nada ha que reflexionar; não he aquelle, em que se diz: « *Completo-se a felicidade.* » Occorrem-nos porém tres observações, que por ventura em hypothezê nada terão de commum com a politica nacional; mas que poderão talvez aproveitar á politica em theze. — 1.<sup>a</sup> A Liberdade consiste na escravidão ao imperio da lei; salvo quando a voz que a decreta não he a da Nação, porém sim a do Despotismo. D'aqui se colhe em resultado que huma Nação he tanto mais livre quanto a lei mais a escraviza. — 2.<sup>a</sup> O pacto social foi o berço das Nações, e a lei porque ellas se governão deve ser por conseguinte hum effeito da maioria absoluta das vontades nacionaes. Quando estas vontades se ramificão he então necessaria pelo menos a maioria relativa: sem ella não ha o direito d'impôr lei. Note-se porém que o voto dos proletarios, e outras classes ínfimas da plebe, cuja vontade só constitue força, e não razão, mal deve ser pezado na balança. D'outra sorte em algumas Nações pouco civilizadas a causa do Absolutismo seria a melhor. — 3.<sup>a</sup> Tem-se visto que a posição geographica das Nações no mappa da Europa influe quasi directamente no progresso de sua illustração, e esta no maior, ou menor grau de Liberdade, que ellas são capazes de receber. Os Estados da Alemanha, e com especialidade o Reino de França, collocados no centro d'esta parte do Globo, e marchan-



do sempre na vanguarda, parecem comprovar que aquella situação he a mais bem adoptada ao fim indicado. (a)  
— Nós somos o ultimo Povo do Occidente.

---

ARTIGO SEGUNDO.

*Litteratura.*

---

A MODERNA ROMA, E SUAS VISINIANÇAS.

*Carta de Mr. F. A. de Chateaubriand a Mr. de Fontanes.*

(Continuada do N.º ant.)

Junto da Cascata celebrada por Horacio, eu contemplava na realidade os vossos dominios como herdeiro da « *simplex munditiis* » do Cantor da Arte Poetica; porém eu vi todas estas maravilhas em uma estação mui triste, e nem eu estava então muito alegre. Até vos direi que esse mesmo sussurro das agoas, que tanto me encantou outra vez nos bosques Americanos, agora me importunava.

Eu me recordo ainda das delicias d'essas noutes, quando no meio dos dezertos, com a minha fogueira quasi apagada, sentindo a meu lado ressonar o meu

---

(a) Inglaterra póde servir d'excepção: muitas são as razões que d'isso poderíamos apontar: bastará a seguinte. Os crimes dos Reis avançãõ a Liberdade n'aquelle paiz; a Liberdade adiantou a illustração. Assim aquillo, que em outras partes he causa, alli veio a ser effeito.



guia, e hum pouco mais distante pastar os meus cavallos, eu ouvia a melodia das agoas e dos ventos que entoava pela vasta profundidade dos bosques. Estes sons, ora mais fortes, ora mais fracos, e ora crescendo, ora diminuindo a todos os instantes, arrebatavão-me. Agora sinto que já sou menos sensível aos encantos da natureza, e até duvido que a Catarata de Viagara podesse hoje produzir em mim os mesmos effeitos, que outr'ora produzio. Quando somos moços, a natureza póde tudo comnosco, porque no coração do homem ha superabundancia de sentimento; então tudo está diante de nós, todo o futuro se apresenta diante (creio que o meu Aristarco me perdoa esta phrase) todas as nossas sensações se referem ao mundo, e mil quiméras nutrem nossas illimitadas esperanças; mas em huma idade mais avançada, e já quando a prespectiva, que tínhamos em face passa para traz de nós, e começamos a desenganar-nos de mil illusões, então a natureza solitaria torna-se aos nossos olhos menos brilhante, e nem ella, nem os jardins já nos fallão como d'antes. Para que ella nos interésse ainda he preciso juntar-lhe as lembranças da Sociedade; como nossos corações já não estão tão ricos como fôrão; a solidão absoluta nos péza, e temos necessidade das conversações, que de noute se passam tranquillamente com os amigos.

Eu não sahi de Tivoli sem hir vizitar a casa do poeta, que acabo de citar; ella estava edificada defronte da Villa Mecenas; e era alli que elle offertava flores, e vinho ao genio, que nos recorda da brevidade da vida. A habitação não podia ser grande: mas abrigada, e mui commoda; porque estava situada na extremidade d'huma colina. Do pomar, que estava em frente da casa, descobria-se hum immenso horisonte; verdadeiro retiro d'hum poeta, que com pouco se contenta, que goza plenamente d'aquillo, que tem, e



que sabe mui bem limitar os seus desejos. Todavia he com effeito muito facil ser filosofo como Horacio, que tinha huma casa em Roma, e duas Villas (casas de Campo) huma em Utica, outra em Tivoli. Que bebia com os seus amigos d'hum certo vinho do consulado de Tullos, que tinha uma rica baixella de prata, e que dizia familiarmente ao primeiro ministro do Senhor do mundo — *« Eu não sinto os incommodos da pobreza, e » se precisasse mais alguma cousa, tu Mecenas, não serias » capaz de recuzar-me! »*

Oh! de certo assim podem-se muito bem cantar os Lalages, e he bem facil coroarmo-nos com lirios, que vivem pouco, fallar da morte entre copos de Falerno, e atirar com as tristezas ao vento!

Tenho observado que Horacio, Virgilio, Tivúllo, e Tito Livio morrêrão todos primeiro do que Augusto, que n'esta parte teve os mesmos destinos que Luiz 14: o nosso grande Principe sobreviveo hum pouco ao seu seculo, e foi o ultimo que desceu á sepultura, como quem queria certificar-se de que já nada lhe ficava atraz.

Creio que vos será indifferente saber que a casa de Catullo está situada em Tivoli acima da casa de Horacio, e que hoje serve de asilo a alguns religiosos Christãos; mas o que vos deve admirar he que Ariosto viesse compor as suas Fabulas Comicas, (como lhes chama Boileau) no mesmo logar em que Horacio escarnecia das cousas da vida. Se esta circumstancia he porém maravilhosa, não o he menos a outra de vermos o cantor de Rolando, retirado em Tivoli na casa do Cardinal d'Est, consagrar seus divinos delirios á França, e á França meia barbara, ao mesmo passo que tinha diante dos olhos os séveros monumentos, e graves lembranças do povo mais civilisado da terra. De resto a Villa d'Est he a unica Villa moderna, que me tenha in-



teressado no meio das ruínas de tantos Imperadores, e Consulares. Esta illustre casa de Ferrara teve a fortuna, pouco commum, de ser cantada pelos dous maiores poetas do seu tempo, e os dous mais bellos genios da Italia moderna

*Piaciavi generose Ercolea, prole,  
Ornamento, e splendor del secol nostro,  
Impolito, &c.*

N'estes versos se percebe o tom, e voz d'hum homem feliz, que dá seus agradecimentos a huma familia poderosa, que o protege, e da qual elle faz as delicias. O Tasso, mais sensivel, exprime na sua invocação os sons d'hum homem desditoso:

*Tu magnanimo Alfonso, il qual ritogli, &c.*

Com effeito nunca se faz melhor emprego da authoridade, e da fortuna do que quando se empregão em proteger os talentos desterrados! Ariosto e Hipolito d'Est deixárão nos valles de Tivoli recordações não inferiores em merecimento ás de Horacio, e Mecenas. Mas que he feito dos protectores, e protegidos? N'este mesmo momento em que escrevo a casa d'Est acaba de extinguir-se e a sua Villa se vai convertendo em ruínas semelhantes ás d'Augusto: tal he a historia universal das cousas, e dos Homens! Eu passei quasi hum dia todo n'esta soberba Villa, e nunca me fartei de admirar a vasta prespectiva, que se goza do alto de seus terrassos. Debaixo dos olhos estendem-se os jardins com seus plantanos, e cyprestes; depois d'estas vêem-se as ruínas da casa Mecenas, situada nas margens do Anio; e do outro lado do rio, na colina fronteira, ha hum arvoredado de antigas oliveiras; aonde ainda se descobrem os restos da Villa de Varus. Hum pouco mais longe, sobre a esquerda, e já na planicie, se elevão tres



montes, Monticelli, S. Francisco, Sant-Angelo, e entre os cabeços d'estes tres montes visinhos apparece distante o cume azulado do antigo Soracte.

Junto do horisonte, e na extremidade das campinas Romanas, descrevendo hum circulo pelo poente, e meio dia, descobrem-se as alturas de monte-Fiascone, Roma, Civita Vecchia, Ostia, o mar, e Truscati coroado com os pinheiros de Tusculum. Em fim, ao nascente de Tivoli a circunferencia inteira d'esta immensa prespectiva se termina com o monte de Ripoli, antigamente occupado pelas casas de Bruto, e de Attico, e junto do qual está situada a Villa Adriana. No meio d'este grande quadro se vê o Teverone descer rapidamente para o Tibre, e os olhos o podem descobrir até ao ponto aonde se eleva o mausoléo da Familia Plotia, edificado em fórma de Torre. A grande estrada de Roma se desenrola tambem pelas campinas, e he hum resto da antiga via Tiburtina, em outro tempo guarnecida de sepulchros, e ao longo da qual se vêem hoje medas de palha em fórma de piramides, que ainda imitam os tumulos antigos.

Será bem difficil de encontrar em outra parte do globo huma prespectiva tão capaz de excitar tão profundas reflexões. Eu não fallo de Roma, de que se descobrem as torres, e que por si só diz tudo; fallo só dos logares, e monumentos, que estão dentro d'esta vasta extensão. Aqui estava a casa de Mecenas, que farto de todos os bens da fortuna, assim mesmo morreu d'huma doença de tristeza; d'aqui sahio Varus para hir verter a ultima gota de sangue nos pantanos da Germania; e d'aqui sahirão Cassio, e Bruto para dar cabo da liberdade da sua Patria. A' sombra d'estes pinheiros de Fruscati dictava Vergilio as suas Tusculanas; Adriano fez correr hum novo Penêo ao pé d'esta Colina, e transplantou para estes logares os nomes, as delicias, e as lembranças do valle de Tempe. Perto do



nascente de Solfatare acabou obscuramente os seus dias a Rainha de Palmyra, em quanto a sua Cidade tambem desapparecia como as sombras dos dezertos. Foi aqui que o Rei Latino consultou o Deos Fauno nos bosques de Albunea; foi aqui que Hercules teve o seu Templo; e que a Sibila Tiburtina dava os seus oraculos; e estas são as mesmas montanhas dos velhos Sabinos, e as planicies do antigo Lacio. Terra de Seturno, e de Rhéa, berço da idade de ouro cantada por todos os poetas, graciosas campinas de Tibul, e Lucretite, das quaes só o genio Francez teve arte para copiar a belleza, e as graças por meio dos pinceis de Poussin, e Claudio Lorrene.

Quando sahi da Villa d'Est erão tres horas e meia da tarde, e fui passar o Teverone na ponte de Lupus, para entrar em Tivoli pela porta Sabina. Ao atravessar o olival, em que já vos fallei, vi huma Capella branca, dedicada a madama Quintinaléa, e edificada sobre as ruinas da Villa de Varus. Era Domingo, a porta da Capella estava aberta; e entrei dentro; então vi que tinha tres altares em fórma de cruz, e que no do meio havia hum crucifixo de prata, diante do qual estava aceza huma alampada pendente do tecto. Hum unico homem, que parecia bem desgraçado, estava de joelhos diante do altar, e tão absorvido na sua oração que nem sequer olhou para mim quando entrei. Eu senti, o que já mil vezes tenho sentido, ao entrar em huma Igreja, isto he certa paz de coração (para me exprimir na phraze das nossas Biblias) e não sei que desgosto das cousas da Terra.

(Continuar-se-ha em o N.º seguinte.)



AS QUATRO IDADES DA VIDA

Por Lacipède.

*A Infancia.*

O Infante he quasi sempre cheio de encantos, de affagos e de graças, se huma educação mal entendida não tem contrariado os seus movimentos, se a simples natureza desenvolveu livremente todos os seus membros, se elles tem podido uzar d'elles para todos os exercicios, que convêm á sua tenra idade, e em fim elle he amigo da agitação, e da mudança em todos os generos. As mais agradaveis proporções, isto he, as proporções mais regulares, reinão em todos os seus membros; elle não aprendeu ainda a reprimi-los por contemplação, nem a dar-lhes actitudes bizarras por estudo; os trabalhos rudes ainda lhos não viciarão, não lhos alterarão, não lhos tornarão disformes. A sua mão não manejou ainda instrumentos duros; suas costas não se curvarão sobre a xarrua; seus cabellos fluctuão á mercê dos ventos, e da bella natureza sem ornato, sem artificio; o sol ardente não enegreceu ainda a sua tez, nem a geada a crestou; o trovão não estalou sobre a sua cabeça; elle não vê a vida, que se lhe apresenta, senão como huma estrada semeada de flores; não prevê nenhum perigo, nenhuma das infelicidades que o esperão; a mágoa não enrugou o seu rosto, nem offuscou a nobreza das suas feições; ainda n'elle se destingue a primeira origem do rei da natureza; a desconfiança não torna o seu andar incerto, e duvidoso, nem a vista inquieta, e o lançar d'olhos fixo, e sinistro; seu espirito livre de preocupações, e de cuidados, não liga se não idéas



agradaveis, não produz se não imagens graciosas; se algumas leves penas vem perturbar os bellos dias, que estão tecidos para elle, ficão porém como estranhas, não deixão de si memoria alguma, dessorão-se tão facilmente como os objectos, que as produzirão: que he pois o que lhe falta para offerecer a imagem mais perfeita do encanto, das graças, da alegria, e da gentileza?

---

*A mocidade.*

A brilhante mocidade se nos apresenta, esta estação da vida, em que a natureza moral, e a natureza phisica desenvolvem todas as suas forças, em que o espirito se dilata, e em que as impressões serião mais profundas do que nunca, se a reflexão as acompanhasse: a reflexão, esta unica faculdade capaz de tornar permanentes os nossos sentimentos, fixar nossas idéas; e dar prolongada duração ao signal, que ellas imprimem. He n'esta época, que as paixões principião a exercer o seu imperio, he então que todos os objectos dominão facilmente sobre a alma; não ha cousa que a toque tão de leve como na infancia; tudo a abala com mais força: o mancêbo não vive se não de transportes, feliz se esses transportes só o guião pela estrada, que deve seguir! feliz, quando a mão sábia, que o dirige, não se exforça por extinguir o fogo, que o devóra; mas sim procura conter esse mesmo fogo, e encaminha-lo pela carreira das virtudes sublimes, unico bem a que a mocidade póde aspirar!

O Sahido d'huma idade, em que ninguem teve precizão de defender-se contra elle, em que ninguem o temeu, e na qual por conseguinte nada lhe resistiu; sen-



tindo cada dia desenvolverem-se-lhe novas forças ; julgando que ellas hirão sempre em augmento ; não as tendo ainda medido com algum genero de obstaculo ; julgando que nada existe que possa iguala-las ; pensando que tudo lhe deve ceder ; féro, indomavel, e desejoso de sacudir completamente o jugo debaixo do qual se conservou durante a infancia, o mancebo he a imagem da liberdade, e da independencia. Foge de tudo aquillo, que póde retratar-lhe a sua chamada escravidão, tudo quanto póde pintar-lhe a sua antiga submissão ; despreza os logares demasiado estreitos aonde seu espirito, e seu corpo se achão como constrangidos, e só vive a seu contento no meio d'huma vasta planicie, aonde póde exercer as forças a correr, a coragem a domar as féras, e a sua industria a vencer, e imolar animaes ferozes.

(Continuar-se-ha em o N. seguinte.)

---

*A Borboleta, e a Roza.*

O poder animal he d'huma ordem superior ao vegetal. A Borboleta he mais bella, e mais bem organizada do que a Rosa. Vêde a rainha das flores, formada de porções esphericas, ornada do colorido mais engraçado, a que se contrapõe a folhagem do verde mais formoso, e balanceada pelos Zéfiro; a Borboleta excede-a em harmonia de cores, de fórmãs, e de movimentos. Considerai com que arte são compostas as quatro azas, que lhe dão o vôo, a regularidade das escamas, que a cobrem como plumas, a variedade de seu retinto maravilhoso, as quatro patas, com que ella resiste ao vento, quando repouza, a trompa enroscada por meio da qual extrahe o alimento do seio das flores, as



antenas, órgãos exquisitos do tato, que lhe corôão a cabeça, e a redezinha admiravel de olhos, que a cercão, em numero de mais de doze mil. Porém o que a torna bem superior á Rosa he que ella possui, além da belleza de suas fórmas, as faculdades de ver, gostar, sentir, cheirar, ouvir, querer, mover-se, em fim, uma alma dotada das paixões da intelligencia. Para a nutrir abre a Roza as glandulas nectareas de seu seio, e para defender-lhe os óvos, collados como um bracelete em torno de seus ramos, é que a Roza está cercada de espinhos. A Roza não vê, não ouve, não sente a mão da criancinha, que corre para a colher; mas a Borboleta, pousada sobre ella, escapa-se á mão prestes a apanha-la, e ora se eleva, ora se abaixa nos ares, ora se aproxima, ora se afiasta, até que por fim, depois de ter zombado do caçador; tóma vôo, e vai procurar sobre outras flores um retiro mais tranquilo.

*Bernardin de Saint-Pierre. Etudes de la Nature.*



### ARTIGO TERCEIRO.

#### *Poesia.*

A THISBE.

#### *Ode Safica.*

Eburnea Lyra, que aprecio tanto  
 Só porque aos olhos da mimosa Thisbe  
 Soubes-te hum dia retratar de Jonio  
 Horridos males;



Tu que do peito lhe arrancas-te hum dia,  
Entre suspiros, confissões bem doces,  
E dos Cyprinos buliçosos olhos  
Lagrimas ternas ;

Eia, resôa novamente, ó Lyra,  
Presta-me auxilio, harmonisando as vozes,  
E vê se podes abrandar comigo  
Marmores duros :

Eia resôa novamente, e vamos  
Dizer áquella, que inamóra Jove,  
» Por ti, qual dantes suspirou suspira  
» Misero amante,

» Chamma inextincta o coração lhe abraza,  
» Inda inefavel, amoroso extremo,  
» Que virgem pranto lhe arrancou do peito  
» Férvido existe :

» Tu, a primeira, com benigno gesto  
» Meiga lhe ouvis-te lacrimosas queixas,  
» E mesmo ás vezes em silencio mud<sup>o</sup>  
» Suplice rôgo.

Ah ! n'esse tempo, que fugio c'os fados,  
The em saudoso, solitario alvergue,  
Longe de Thisbe disfructava Jonio  
Placidas horas :

Alli ao menos se nas êrmas sérras,  
Entre queixumes, proferia — Thisbe —  
— Thisbe — dizião no profundo valle  
Subito os échos.



E se hum suspiro do amador sensível  
Hia nas azas de Favonio meigo  
Sulcando os ares, avivar-te a chama  
D'árido fogo,

Logo após elle de teus roseos labios,  
Grato, e mais doce do que o mel d'Himetto,  
Vinha hum suspiro conduzir-me affavel  
Zéfiro brando ;

Mas hoje, ó Deoses, que silencio horrível  
Calla estas mudas solidões da morte!  
Jaz como envolta em tenebroso cáhos  
Livida a Terra :

Nem pios échos da montauha surgem,  
Nem léves Auras murmurando escuto,  
Só mestas aves no medonho espaço  
Lugubres gémem.

Ah! quanto custa, encantadora Thisbe,  
Ver que meu pranto sem maligno riso,  
Por erro, ou crime, que espiei, que chóro  
Gélida escutas!

Tem por piedade compaixão do amante,  
Finda-lhe as magoas, desdenhosa ingrata,  
Ou téme, téme que veloz o occultem  
Tumulos tristes.

Então debalde chamarás por elle,  
Entre sombrios, funebres cyprestes ;  
Então debalde soltarás dos labios  
Soffrego beijo :



Pezar tardio ! emudeceu, he cinza :  
E esse que outr' hora estremecia ao ver-te  
Jaz insensivel no silencio eterno  
D'ávida campa.

Por D. J. d'Azevedo.

*A Cahida das folhas.*

1.<sup>a</sup>  
D'áridas folhas,  
Por mão do Outono,  
Via o Colôno  
Juncado o chão.

2.<sup>a</sup>  
Mudo jazia,  
No bosque annoso,  
Cantor mavioso  
Da solidão.

3.<sup>a</sup>  
Quando Belmiro,  
Que, em antro escuro,  
Magico impuro  
Foi consultar,

4.<sup>a</sup>  
Lendo nos Fados  
Que antes do Inverno  
Lago do Averno  
Tinha apassar

5.<sup>a</sup>  
Quiz vir primeiro  
N'este arvoredado  
Terno segredo  
Depositar.

6.<sup>a</sup>  
Bosques » diz elle »  
Magico horrivel  
Leu-me terrivel  
Funesto azar.

7.<sup>a</sup>  
Bem como as flores,  
Antes das neves,  
Meus dias breves  
Vereis findar.

8.<sup>a</sup>  
Que a tal extremo  
Duros rigores  
Dos meus amores  
Me vão guiar.

9.<sup>a</sup>  
Amei a Nise,  
Fui sem ventura,  
Na sepultura  
Vou descansar.

10.<sup>a</sup>  
De tantas arvores  
D'esta floresta  
Só huma résta  
P'ra me abrigar ;



11.<sup>a</sup>  
Cypreste esguio,  
Que a dôr estampa,  
Junto da Campa  
Me ha-de escoltar.

12.<sup>a</sup>  
Ah ! Cada folha,  
Que o vento irado  
Lá sobre o prado  
Vejo espalhar,

13.<sup>a</sup>  
Me dá funéreo  
Presagio certo  
De que hei-de perto  
Finalizar.

14.<sup>a</sup>  
Mas porque injustos  
Negros temores !  
Vejão-se as flores  
Vejão murchar.

15.<sup>a</sup>  
Cáia a folhagem  
Toda por terra  
N'esta êrma sérra,  
N'este lugar :

16.<sup>a</sup>  
Póssa ella ao menos  
A hum terno Amigo  
O meu jazigo  
Bem occultar !

23.<sup>a</sup>  
Porem a ingrata  
Carpir o amante,  
Hum só instante,  
Não veio, não.

17.<sup>a</sup>  
Porém se Nise  
Com dôr estranha  
Sobre a montanha  
Vier chorar,

18.<sup>a</sup>  
Mostrai-lhe, ó ventos,  
O sitio aonde  
Belmiro esconde  
Duro pezar.

19.<sup>a</sup>  
Disse » e tão breve  
Vio a parreira  
A derradeira  
Folha vôar,

20.<sup>a</sup>  
Como entre angustias,  
N'este retiro,  
Se vio Belmiro  
Terno expirar.

21.<sup>a</sup>  
Cavou-lhe á sombra  
D'este Cypreste  
Sepulchro agreste  
Piedosa mão :

22.<sup>a</sup>  
Junto do tronco,  
Sobre as raizes  
Vem infelizes  
Carpir-se em vão ;

*Imitado de uns versos de Mr. Millevoye por M. P. R.*



MURALIDADE.

*O Velho, e o Mancebo.*

Ensinai-me, Senhor, dizer hum filho  
A seu idoso pay com que arte pôsso  
No mundo conseguir nome, e fortuna.  
O meio he facil, lhe responde o velho,  
A Patria servirás, e a bem da Patria  
Teus talentos offerece, e teus estudos.  
— Não me apraz, o sistema he arduo, he duro,  
— Outro quizêra de não tanta gloria. —  
Tens outro, mais seguro, intriga, e trama.....  
— A intriga he servil, por tal a odeio. —  
Pois n'esse caso sem trabalho, ou vicio  
Hum meio existe só, he ser estulto,  
Que por via de regra aos loucos sempre  
Tenho visto correr boa fortuna.

*Traduzido de Mr. Florian por M. P. R.*



## ARTIGO QUARTO.

*Variedades.**Sonho de Marco Aurelio.*

Quiz meditar sobre a dôr; a noute estava avançada; a necessidade do somno enfraquecia a minha palpebra; lutei algum tempo; cedi por fim, e cahi em lethargia; porém n'este intervalo pareceu-me ter hum sonho. Pareceu-me que vi dentro de hum portico huma multidão de homens juntos; elles tinham todos alguma cousa de augusto, e de grande. Supposto nunca tivesse vivido com elles, nem por isso suas feições me erão estranhas; como que me recordava de ter contemplado suas estatuas em Roma. Estava a ponto de os examinar a todos, quando huma voz terrivel, e forte retinio debaixo do portico: Mortaes aprendei a sofrer! No mesmo instante vi que se accendêrão chammias diante de um d'elles, (a) e elle poz a mão sobre a fogueira. Trouxerão veneno a outro; (b) bebeu, e fez huma libação aos Deozes. O terceiro (c) estava em pé de frente de huma estatua, que representava a Liberdade; tinha em huma das mãos hum livro e na outra uma espada, cuja ponta elle examinava com cuidado. A alguma distancia divizei hum homem todo ensanguentado;

- 
- (a) Mucio Scevola.  
(b) Socrates.  
(c) Catão.



pórem mais tranquillo e sereno que seus algozes: derigi-me a elle, e exclamei: Hes tu? Regulo! Não podendo encarar o espectaculo de seus males affastei o rosto para encobrir as minhas lagrimas. Hum momento depois vi Fabricio no seio da pobreza; Scipião morrendo no exilio; Epiteto escrevendo entre ferros; Séneca, e Fraséas escoando-se em sangue; mas sem que a serenidade natural se lhes visse perturbada. Cercado de tantos illustres infelizes chorei, e elles estranhárão-me o pranto. Hum d'elles, era Catão, aproximou-se de mim, e disse-me: » Não chores sobre nós; imita-nos, e aprende a vencer a dor! » Pareceu-me n'esse momento que elle ia encravar-se no seio o ferro, que sustentava na mão; quiz suste-lo, estremei, e acordei. Reflectindo sobre o sonho conheci que os males não tinham o direito de abalar-me; rezolvi ser homem, sofrer, e praticar o bem.

*Thomaz. El. de Mar. Aur.*

#### *O Carcere de Maria Antoinette.*

A Conciergeria, prizão de Pariz, que foi edificada sobre as ruinas de hum palacio dos Reis de França, tem hoje a sua Capella reconstruida novamente. O altar d'esta Capella he ornado com as armas Francezas e por detraz d'elle se descobre huma especie de portico de abobeda sovapanel, que dá entrada para o calabouço aonde Maria Antoinette esperou por sessenta e dous dias a sua sentença de morte. As paredes d'este calabouço, que fingem marmore pardo estão semiados de estrellas prateadas. Defronte da ar-



cada, por onde se entra, apparece hum pequeno cenotápheo, e serve huma de suas cornigens como de altar para se dizer a missa anniversaria de 16 de Outubro. Tem duas inscrições, e a que está do lado direito indica o objecto do monumento, a época em que foi erigido, e o facto que elle traz á memoria; a outra he hum extracto da carta, que a Rainha escreveu a Madama Elisabeth na vespora da sua morte. No fundo do calabouço, exactamente no lugar aonde antes existia o leito de Maria Antoinette se vê hum retrato d'esta Princeza com vestidos de dó, e de estatura regular. A janella unica do carcere está guarnecida com huma vidraça de vidros coloridos, cujo reflexo misterioso dá a este lugar melancolico a luz que lhe convém.

---

*Fundação da Igreja de Notre Dame em Pariz.*

A primeira pedra do alicerce d'este edificio foi lançada por um Official do palacio do Imperador Valentiniano 1.<sup>o</sup> em honra de S. Diniz a 17 d'Abril de 365, sobre as ruinas de um antigo Templo dedicado a Jupiter Wooden, (Jupiter dos bosques.) Childeberto, Rei de França, e filho de Clovis reparou depois esta Igreja em o anno 522, e a augmentou com uma Basilica dedicada a — Notre Dame — que ultimamente Philippe-Augusto fez terminar em 1185. Aqui repousa o sabio de Freney, e Mirabeau não se envergonha de misturar tambem aqui as suas cinzas com as cinzas de Marat.



*A Catarata de Niagara.*

A Catarata de Niagara annuncia-se a uma distancia consideravel, por causa de seu estrepito horrivel. Ella he formada pelas agoas do rio Niagára, que sahe do lago Erieu, e se precipita no lago Ontario; sua altura perpendicular he de 144 pés: desde o lago Erieu até ao salto o rio vai sempre declinando rapidamente, e no momento da queda não he tanto hum rio como hum mar, que se estreita, e aperta na embocadura de hum golfo. A Catarata dividi-se em dous braços, e fórma como que huma especie de ferradura. N'este ponto ha huma ilha minada por baixo, e que pende com todas as suas arvores sobre o cahos das ondas. O forte do rio, que se precipita ao meio dia, tóma primeiro a fórma de hum celindro, e depois a de hum guardanapo de neve, que brilha com huma infinidade de córes reflectidas pelo astro da luz: a outra porção, que faz o salto pelo lado do nascente, desce pelo centro de sombras espantosas: dir-se-hia que era huma columna d'agoa do diluvio. Hum milhão de Iris se curvão, e cruzão, sobre o abismo. A onda, no momento de quebrar sobre o rochedo, salta em turbilhões de espuma, que se elevão acima da altura dos bosques, e que arremedão as lavaredas de fumo de um vasto incendio. Pinheiros, nogueiras selvagens e rochas cortadas em fórma de espectros adornão esta scena magestoza. As aguias, que são impellidas pela corrente do ar, descem fazendo torneios até ao fundo do golfo, e os Kinkajus, que estão suspensos por seus enormes rabos da ponta de alguma arvore inclinada, esperão



n'esta actitude apanhar do abismo alguns restos espedaçados dos cadaveres de Alces, e de Ursos.

*Mr. de Chateaubriand.*

---

*O Kan ou Kiarvanserai.*

Pela palavra generica de — Kan — se denominação em Turquia todos os lugares públicos aonde os viajantes são admittidos: dá-se mais regularmente o nome de — Kiarvanserai — aos edificios, que tem sobeja dimensão para receberem companhias numerosas de negociantes chamados - Kiarvan - e que nós, com muita impropriedade, denominamos — Caravanas. — Estes edificios são devidos, quasi todos, á piedade de alguns Pachás, ou ricos particulares, que os mandárão construir, e collocárão debaixo da salvaguarda da religião, consagrando ás mesquitas o modico rendimento, que d'alli se tira. O edificio de Kiarvanserai he quasi sempre formado de quatro edificios, que fórmão no centro hum espaçozo páteo: a parte terria he destinada para armazens, e cavalhariças; o primeiro andar he dividido em hum grande numero de quartos, que quasi todos tem huma chaminé, e regularmente huma galeria exterior; no meio do páteo está huma fonte abundante, e bem ornada; magnificas plantas a cercuitão, e abrigão com sua sombra os viajantes fatigados. He hum espectaculo summamente agradavel, o que se offerece ao declinar do dia, quando muitas Caravanas chegão ao Kan, vindas de diversas partes para ahi passarem a noute: numerosas fileiras de camellos vem ahi depositar as suas cargas preciosas, e segue-as huma multidão de cavalheiros, que todos tem vestidos, armas, e



figuras differentes. O movimento he geral; fallão-se ao mesmo tempo muitas lingoas; ha encontros singulares; alegres reconhecimentos; huns propoem compras; outros fazem perguntas ácerca dos perigos da jornada: todas as Nações, todas as Religiões se ligão por effeito de um interesse commum. Hum velho inspector do Kan, e encarregado de manter alli a ordem, está sentado á porta: elle acólhe, saúda os viajantes, e pede áquelles, que são chegados noticias dos que ainda não viéraõ: todos se felicitão de o tornarem a ver; elle vigia pelos interesses de seus hospedes, destina-lhes lugares, e obsta ás discordias. Se, por um contraste muito frequente, se encontrão misturados com estas requissimas Caravanas, alguns miseraveis faltos de tudo, são alli tratados em nome de Deos, e de Mahomet como irmãos, que finalizão mais laboriosamente, do que os outros, a perigrinação da vida. Não podem arreçar-se de entrar; porque sobre a porta estão gravadas em letras d'ouro as seguintes expressões:

„ O Paraizo pertence áquelles, que nutrem pelo amor  
„ de Deos os infelizes, os orfãos, e os escravos.

*De Choiseul-Gonffier. Voyage Pittoresque a la Grece.*

*Morte de Vatel.*

Vatel era o chefe da cozinha do Principe de Condé; e tendo este destinado mimosear a ElRei, seu amo, com hum esplendido festim na sua caza de campo de...!...o Rei chegou alli com effeito em huma terça feira á tarde, conforme se esperava: o passeio, o refresco sobre huma al-



catifa de verdura tudo esteve delicioso. Tratou-se de cear, e houve algumas mezas aonde faltou o assado por causa de muitos jantares, com que se não havia feito conta. Este acontecimento affligiu Vatel de uma maneira tal que por varias vezes o ouvirão dizer : » Perdi a honra : não posso encarar semelhante caso a sangue frio. » Encontrando a Gourville, intendente do Principe, lhe disse Vatel : Gourville ajudai-me a dar as ordens : ha duas noutes que não durmo, e parece que a cabeça me endoudece. » Gourville ajudou-o no que pôde. O assado, que não tinha faltado na meza do Rei ; mas na vigessima quinta meza, lhe vinha a todo instante á imaginação, Gourville communicou-o ao Principe, que se dirigio ao quarto de Vatel, e disse-lhe. » Vatel, tudo vai bem, nada pôde haver mais bello do que esteve a cêa do Rei : » Ao que elle respondeu : » Senhor, a vossa bondade obriga-me infinito ; mas eu sei que o assado faltou em algumas mezas. » Não te dê cuidado, replicou o Principe, tudo vai como se dezeja. » A's quatro horas da manhã do dia seguinte Vatel já estava a pé, e topou todos ainda a dormir. Encontrando hum portador, que tinha hido buscar pescado, e que apenas trazia duas cargas d'elle, perguntou-lhe : » He isso tudo quanto ha ? » Sim Senhor ; respondeu o portador : elle não sabia que Vatel tinha mandado buscar pescado a todos os portos de mar. Vatel esperou ainda algum tempo ; vendo que os outros portadores não chegavão foi encontrar Gourville, e disse-lhe : » Não posso sobreviver a esta affronta. » Gourville rio-se, e Vatel, subindo ao seu quarto fincou huma espada contra a porta, e atravessou-se com ella pelo peito do lado do coração ; porém só á terceira estocada cahiu completamente morto, porque as duas primeiras não lhe tinhão ferido aquella entranha. Assim á força de ter honra á sua maneira o cozinheiro de Condé se tornou hum suicida.



*O Fogo.*

O fogo faltou por muito tempo aos homens, ou para melhor dizer, o meio de o conservar, e de o reproduzir. Os Gregos o suppunhão vindo do Ceo; testemunha a fabula de Prometheo. Em 1525 quando Magalhães aportou ás Ilhas Marianas, os Selvagens tomá-rão este elemento por hum animal, que comia páo. Tendo-o tocado, e tendo-se queimado, não se atrevê-rão a olhar para elle se não de longe. D'este desco-brimento para a methalurgia, sobre tudo para a arte de empregar o ferro, o intrevalo parece horroroso. Em o Perú, e no Mexico, aonde o ferro he abundan-te, não se conhecia, posto que o ouro brilhasse nos Templos, e servisse á magnificencia dos Principes.

*Lei singular.*

Refere Herodoto, e Estrabão, que entre os Assy-rios, e Babylonios, as mulheres erão obrigadas pela lei a prostituir-se huma vez com algum estrangeiro no Tem-plo de Mylita, ou de Venus. Esta infamia tão repre-hendida aos Babylonios era, segundo o parecer de Go-guet, o resultado de huma preocupação supersticiosa. Venus se reputava como huma Divindade malfazeja, e inimiga da honra do sexo; a qual pertendião pacificar



por meio d'aquelle sacrificio. O estrangeiro a quem qualquer mulher se abandonava religiosamente, devia dizer dando-lhe alguma moéda d'ouro, ou de prata — Implóro a Deosa Mylita em teu favor. — Herodoto certifica que os Babylonios, depois de ter dado satisfação á lei, erão modélos de castidade conjugal. Justino diz o mesmo das mulheres de Chypre, e Eliano das mulheres da Lydia, aonde a mesma lei estava em vigor.

*Todos os Srs. Subscriptores deste Jornal, que pertenderem fazer entrega do importe de suas assignaturas, podem dirigir-se ao Escriptorio do Sr. Ferreira, rua nova dos Inglezes defrente de S. Francisco, aonde acharão quem as receba.*

*Erratas deste N.*

*Pag. 148 Estr. 5. v. 2.<sup>o</sup> — Ver que meu pranto sem maligno riso — leia-se — Ver que meu pranto com maligno riso.*

*Pag. 148 Estr. 7. v. 2.<sup>o</sup> — Entre sombrios funebres ciprestes — leia-se — Entre sombrios funeraes ciprestes.*